

POR QUE SER PRINCESA QUANDO SE PODE SER VALENTE? REFLEXÕES E DESCONSTRUÇÕES DAS QUESTÕES DE GÊNERO NO UNIVERSO DISNEY

Valdirene Eliane Bailon de Souza¹
Rita Márcia Andrade Vaz de Mello²

Resumo: Neste artigo, objetiva-se refletir sobre representações de gênero construídas no universo da Disney, mais especificamente no filme infantil *Valente*, de 2012. Seu enredo aborda questões relacionadas ao comportamento/modo de ser de uma princesa, destacando novas feminilidades na cena midiática sob uma perspectiva pós-moderna e pós-estruturalista. Dessa forma, evidencia-se que contos de fadas não precisam retratar princesas perfeitas e com condutas estritamente femininas, mas sim com atitudes e comportamentos semelhantes aos da vida real. Ademais, é preciso desconstruir certos conceitos e aceitar os novos, visando encerrar a exclusão de identidade e de gênero, entre outras dimensões que resultem em desigualdade social.

Palavras-chave: Valente; Princesa; Gênero.

Abstract: Our article aims at reflecting on the gender representations built in the Disney universe, more specifically in the children's film called *Valente*, released in 2012. Its plot addresses issues of the behavior / way of being of a princess, which shows new femininities in media, from a post-modern and post-structuralist perspective. Thus, it is evident that fairy tales do not need to portray perfect princesses with strictly feminine behaviors, but with attitudes and behaviors similar to those of real life. Furthermore, it is necessary to deconstruct certain concepts and accept new ones, aiming at ending the exclusion of identity and gender, among other dimensions that result in social inequality.

Keywords: Brave; Princess; Genre.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Doutoranda na área de concentração Família e Sociedade da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Brasil. E-mail: valdirene.goncalves@yahoo.com.br. Orcid: 0000-0002-9855-4823

2 Doutora em Educação pela UFMG, tem pós-doutorado pela Université Paris Descartes (Sorbonne), professora dos cursos de pós-graduação do Departamento de Educação e Departamento de Serviço Social da UFV, Brasil. E-mail: ritamarciamello@gmail.com. Orcid: 0000-0002-7473-9559

Introdução

Existem várias abordagens sobre a questão de gênero em diversos âmbitos da sociedade, como no trabalho, nas mídias, no contexto histórico e nas instituições de ensino. Entretanto, muitos pontos ainda necessitam ser questionados e refletidos, principalmente quando se trata das representações de gênero construídas em filmes infantis, como os produzidos pela Disney. Nesse sentido, vale mencionar que as crianças atribuem significativo valor simbólico a tudo que visualizam, podendo ser oportuna a exibição de novas percepções que se diferem daquelas constituídas ao longo da história (ABRAMOWICZ; CRUZ; MORUZZI, 2016).

Santos (2019) garante que as relações de gênero podem ser reproduzidas a partir do ensinamento de comportamentos, atitudes e valores, por meio do lúdico, da arte, da música e da literatura. Seria como se esse conteúdo apresentasse um modelo de “príncipes e princesas” que deve ser seguido pelas escolas, famílias e sociedade em geral, funcionando como uma espécie de treinamento de crianças, para que, quando adultos, se tornem indivíduos bem-comportados, capazes e bem-sucedidos.

O filme infantil denominado *Valente*, produzido pela Disney em 2012, aborda os sonhos da princesa Merida, os quais subvertem os padrões tradicionais. A personagem principal é uma jovem de caráter forte que abdica das tradições familiares, sobretudo o casamento acertado com um dos herdeiros da corte. Esse enredo se torna o presente elemento de análise exatamente por sustentar a crença de que é possível compreender certos conceitos através de conteúdos cinematográficos. Em outros termos, justifica-se a escolha dessa obra pois não segue à risca os monótonos contos de fadas.

Diante do exposto, refletiremos sobre as representações de gênero construídas ao longo da história sob a perspectiva do filme *Valente*, utilizando, para tanto, alocações de autores que defendem estratégias diferenciadas para lidar com as forças opressoras da sociedade. De modo geral, o filme é um longa-metragem, dirigido por Mark Andrews³ e Brenda Chapman⁴, que apresenta questões de gênero e sexismo no universo infantil. Como anteriormente mencionado, a trama evidencia certas atitudes e atividades da princesa Merida, que rejeita certos padrões da sociedade

3 Mark Andrews é um cineasta, roteirista e animador norte-americano, nascido em 12 de setembro de 1968. Como reconhecimento, venceu, no Oscar 2013, a categoria de Melhor Filme de Animação pelo filme *Valente*.

4 Brenda Chapman é uma escritora, artista de história e diretora americana, nascida em 1 de novembro de 1998. Em sua trajetória profissional, tornou-se a primeira mulher a dirigir um longa-metragem animado de grande estúdio e a ganhar o Oscar de Melhor Longa Animado.

considerada patriarcal⁵. Inicialmente, faz-se necessário ressaltar que a parte metodológica está fundamentada em uma análise bibliográfica, com abordagem qualitativa, sustentando-se na literatura de clássicos como Beauvoir (1980), Moreno (1999), Beleli (2007), Conceição (2009) e Louro (2012) que abordam a temática em consonância à realidade moderna, assim como Abramowicz, Cruz e Murozzi (2016), que suscitam pontos da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil.

Ainda acerca dos caminhos metodológicos traçados, a pesquisa bibliográfica utilizada “implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 38). Para Norman Fairclough (2001), compreender certos discursos é um meio de relacioná-los às mudanças sociais da sociedade como forma de perceber novas realidades a partir de significações.

Adicionalmente, destacamos o debate sobre gênero, que deve ser intenso e contínuo, sendo necessário apresentá-lo como um problema social e cultural presente na contemporaneidade. Sob esse viés, após uma sucinta resenha sobre o filme *Valente*, abordamos reflexões e perspectivas sobre gênero na sociedade e, posteriormente, características discursivas de gênero no universo escolar. Por fim, apresentam-se as articulações finais.

Valente: breve resenha

O filme americano é ambientado na Escócia⁶ medieval, apresentando a história de uma menina chamada Merida, criada e educada pela mãe – rainha Elinor – para se tornar uma princesa. A personagem principal, apesar de seu posto de princesa, não se preocupa com modos e aparência física, aspectos até então considerados essenciais. O longa inicia-se em uma bela paisagem, com a comemoração do aniversário da pequena princesa. Nessa ocasião, o seu pai – rei Fergus – a entrega seu primeiro arco e flecha, atitude que foi repreendida por sua esposa, rainha Elinor, tendo em vista que esse tipo de artefato não era, nesse contexto, apropriado para uma menina. Desse modo,

5 Sistema social em que homens adultos mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. É importante ressaltar que, na contemporaneidade, com o advento do patriarcado moderno, a utilização desse conceito tem sido substituída em algumas pesquisas feministas por outras nomenclaturas, como “dominação” e “exploração das mulheres”, sendo bem marcado historicamente e geograficamente (LOBO, 1992).

6 A escolha do país pelos diretores se deu pelo fato de ser uma região com castelos, fenômenos diferenciados e aspectos mágicos. Nos pântanos, há um fenômeno que ocorre naturalmente, onde os gases do local acendem uma luz de cor azulada. No folclore escocês, as pessoas costumavam acompanhar as luzes flutuantes, pensando que eram fadas. Isto deu origem ao *will-o-wisps* de *Valente*, que iluminam o caminho de Merida, o que a permite mudar o seu destino.

o enredo mostra como a rainha Elinor tenta fazer com que a filha siga as regras estabelecidas, tendo como expectativa para a menina a conquista de um bom casamento e o seguimento de outros padrões tradicionais.

Para escolha do seu futuro marido, seus pais convocam os clãs da região para uma competição, cujo vencedor deve ser algum príncipe apto a se casar com Merida. No entanto, a princesa propõe, como jogo, uma inusitada disputa de arco e flecha. Dos três príncipes presentes, nenhum tinha habilidades com arco e flecha comparáveis às de Merida, que desafia a mãe e a todos, entrando na competição e sendo a grande vencedora.

Diante do ocorrido, o rei Fergus tenta acalmar os ânimos de todos os presentes até sua esposa criar outra solução. A rainha Elinor chama a atenção de Merida por ela ter envergonhado a todos com sua ação, principalmente a seus aspirantes. Como resposta, a jovem princesa diz à mãe que a odeia, preferindo a morte à obrigação de se casar. No calor da discussão, Merida rasga com sua espada a tapeçaria da família, separando a sua da imagem da mãe. A rainha Elinor, enfurecida, arranca o arco e flecha da filha e o joga na lareira, se arrependendo posteriormente.

Em seguida, Merida foge pela floresta com seu cavalo Angus, enxergando, no trajeto, pontos de luz mágicos que a levariam até a casa de uma bruxa carpinteira. Nesse encontro, a menina solicita à feiticeira uma magia para que sua mãe mude de opinião em relação ao seu casamento. Contudo, o encanto não dá certo, transformando a rainha em um urso após a ingestão de um doce enfeitado. Merida tenta esconder a mãe de todos os moradores do reino, principalmente do pai, que possui asco a ursos. Nesse momento, a princesa passa a lutar para reverter a magia, vivendo momentos felizes e engraçados ao lado da rainha na floresta.

Ao tentar reencontrar a bruxa carpinteira, a menina descobre, por meio de uma mensagem gravada, que ela está viajando. Da mesma forma, fica sabendo que, ao segundo nascer do sol, o feitiço se tornará permanente, havendo uma única forma de retroceder o feito: compreender o real sentido da frase “Se inalterada, olhe sua alma, remende a união por orgulho separada”. Logo, essa frase trazia como significado que era preciso reconstruir o verdadeiro amor de sua família, remendendo a tapeçaria por ela rasgada.

Assim, Merida passa a correr contra o tempo, retornando ao reino com sua mãe para costurar a tapeçaria. Ao chegar ao, e com o incentivo da mãe, a menina informa aos presentes que resolveu quebrar a tradição, permitindo a todos a liberdade de escolher a própria história para encontrar um grande amor

no tempo certo. Todos concordam e ficam emocionados com sua decisão, que demonstra sua independência diante do forte patriarcado ali existente.

Diante do exposto, não se pode negar que o filme *Valente* revolucionou o contexto de roteiros infantis, quebrando certos tabus que, apesar de antigos, tendem a se enraizar na contemporaneidade. Trata-se de uma obra que aborda diversos significados a fim de romper com certos paradigmas da sociedade. É válido ressaltar que o longa-metragem não aborda somente questões de gênero e sexismo, mas também valores incutidos nas famílias atuais.

Merida, além de não ser a princesa padrão da Disney, para se livrar do casamento, oferece o doce enfeitado para mãe sem se importar com as consequências. Esse tipo de atitude é mais realista, condizente com as famílias não perfeitas, que possuem conflitos e desentendimentos até mais intensos. Como reflexão, salienta-se que o destino de qualquer pessoa pode estar além do seu controle, sendo preciso ser valente o suficiente para liderá-lo.

Reflexões e perspectivas sobre gênero na sociedade

Louro (2012), inspirada em Simone de Beauvoir, defende que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (1980, p. 18). Nesse sentido, entende-se que o gênero é algo que precisa ser construído/moldado ao longo da vida, a depender de marcas, gestos, comportamentos, preferências e gostos ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de dada cultura.

Para compreender melhor esse ponto de vista, e ainda identificar o porquê dessas desigualdades na contemporaneidade entre homens e mulheres, é necessário apresentar o estudo de uma das pioneiras sobre as questões de gênero: Simone de Beauvoir. A autora expõe que realmente há diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, mas que essas contendas por si só não fazem sentido:

[...] no momento em que o dado fisiológico (inferioridade muscular) assume uma significação, esta surge desde logo como dependente de todo um contexto; a ‘fraqueza’ só se revela como tal à luz dos fins que o homem se propõe, dos instrumentos de que dispõe, das leis que se impõe. (BEAUVOIR, 1980, p. 55).

Logo, esses dados fisiológicos não influenciam a supremacia masculina. Para a mesma autora, são necessárias referências econômicas e sociais para que a noção de “fraqueza” e “inferioridade” sejam construídas e associadas à

mulher. Sendo assim, Beauvoir (1980) reforça que os papéis destinados a cada sexo são construídos socialmente e não apresentam justificativa biológica.

Relacionando essa tese ao longa-metragem, é notório que a rainha Elinor reforça certas atitudes consideradas exclusivamente femininas, como, por exemplo, a tentativa de impor à filha certos comportamentos de etiqueta, como bordar, não comer muito, não cometer certas extravagâncias (o que seria permitido apenas a homens). São essas atitudes diárias que, para Simone de Beauvoir, vêm esculpindo o ser feminino e o masculino na sociedade.

Essa conduta supradescrita ainda persiste, estando fortemente arraigada a nosso modo de viver. Desde as civilizações primitivas, a mulher tem como funções se casar, cuidar da família, ser submissa ao marido e exercer a maternidade com louvor. Não só no filme *Valente*, o sonho da grande maioria dos pais é ver suas filhas bem-casadas e constituindo famílias, para que não sejam malvistas perante a sociedade. Contudo, trata-se de uma visão equivocada e que não representa a vontade de toda mulher.

Na Idade Média, o casamento foi instituído pela Igreja e considerado mais um sacramento, devendo homem e mulher serem unidos eternamente pelos olhos de Deus, até que a morte os separasse. Permitia-se o sexo somente com intuito de procriação, pois a sexualidade não devia ser incentivada ou desenvolvida. A constituição de uma unidade familiar abençoada por Deus devia ser preservada (COSTA, 2007).

Simone de Beauvoir (1980) explica que, apesar de o casamento e a maternidade se revelarem importantes para a espécie humana, não são obrigações, uma vez que a espécie humana visa à evolução, e não somente a preservação e a manutenção. Assim, quanto às funções naturais de engravidar e aleitar realizadas pela mulher, não haveria motivo para uma afirmação ativa de sua existência, pois a figura feminina “suporta passivamente seu destino biológico. Os trabalhos domésticos a que está votada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram – se na repetição e na imanência” (BEAUVOIR, 1980, p. 83).

Ao contrário do que acontece com a mulher, a valorização do homem decorre de seu esforço físico e do risco de vida ao executar as funções que lhe são atribuídas, como proteger a sociedade. No filme, o rei Fergus luta contra o urso Mor’du, para defender seu reino e sua família, perdendo umas das pernas em combate. O personagem foi, então, aclamado por todos os outros clãs pelo gesto de bravura.

Ainda no filme, não se pode olvidar de outra aclamação à figura masculina – a supremacia dada ao homem por seu esforço físico, já que o pretendente que ganhasse a competição teria a mão de Merida para o casamento. Nesse sentido, Beauvoir (1980) garante que o homem nunca reconheceu a mulher como semelhante por não partilhar as mesmas maneiras de pensar e agir. A mulher fora conservada na perspectiva do “outro”, permanecendo submissa à vontade do homem. Um exemplo recente na mídia, veiculada em 2016, pela revista *Veja*, foi a imagem da então primeira-dama, Marcela Temer⁷, estampada com os seguintes dizeres: “Bela, recatada e do lar”. As críticas não foram voltadas para a figura da Marcela, mas sim a uma revista de grande circulação que buscava enaltecer um modelo de submissão feminina que todas as mulheres deveriam seguir, estando sempre à sombra e nunca à frente de seus maridos (ou de qualquer indivíduo do sexo masculino). Em seu livro *Confusões Patriarcais*, Pateman (1993) tenta explicar essas contendas entre os sexos feminino e masculino. Para a autora, nas primeiras histórias do início da humanidade, em uma época primitiva, imperava o direito materno. A prática livre de relações sexuais impedia a visualização da linhagem paterna e a descendência era, então, reconhecida por meio das mães. A gênese da civilização advém da vitória do pai, com o surgimento da família patriarcal, assim, essa superioridade dada ao homem é decorrente do reconhecimento da paternidade, que foi interpretado como um exercício da razão, designando à figura masculina todo o poder e realizações históricas.

Em consonância, Friedan (1971), em seu livro *A Mística Feminina*, destaca contextos históricos em que mulheres foram “adaptadas” ao espaço doméstico, não em um sistema rígido e autoritário como o nazismo, na Alemanha, mas por instrumentos doloosos e velados pela mídia, com a finalidade de estabelecer um falso prestígio e a necessidade da mulher em relação à família, como se o cuidado familiar fosse o único papel capaz de exercer. No filme, a princesa Merida questiona várias vezes o motivo de seu destino precisar ser o apetejado pela mãe. Ela não queria ser como a mãe, perpetuando a mesma história; seu desejo era ser livre para fazer suas próprias escolhas.

Para compreender o papel da mídia nesse contexto, recorre-se ao livro de Beleli (2007), denominado *Corpo e Identidade na Propaganda*,

7 Marcela Tedeschi Araújo Temer é a esposa do 37º presidente do Brasil, Michel Temer, tendo servido como a 36ª Primeira-dama do Brasil, de 31 de agosto de 2016 até 31 de dezembro de 2018.

que explora as construções de gênero e sexualidade na publicidade brasileira. A autora postula que:

A propaganda é um meio divulgador de cultura. A justificativa dos publicitários para a difusão de determinados modelos remete ao ‘espelho da sociedade’ – ‘nós só mostramos aquilo que o consumidor quer ver’ –, não se responsabilizando pela ‘mediação’ entre a realidade e um projeto da realidade. (BELELI, 2007, p. 193).

O intuito da propaganda é criar uma proximidade com a sociedade, fazendo com que a maioria das pessoas se espelhem na imagem apresentada. Do mesmo modo, são desenvolvidos os filmes da Disney, cujo universo fictício ensina os meninos a serem príncipes guerreiros e as meninas a serem princesas comportadas à espera de um príncipe. *Valente* representou uma significativa evolução ao apresentar uma princesa diferenciada, que é aventureira, anda descalça, come com as mãos, não usa vestidos belos e nem maquiagens.

Voltando aos reflexos da cultura midiática, especificamente para o público infantil, pode-se citar a Escola de Princesas, fundada em Minas Gerais, em 2013, por uma psicopedagoga. O projeto traz como discurso que toda menina sonha em ser princesa, e tem como objetivo ensinar crianças e jovens, de 4 a 15 anos, regras de etiqueta, culinária, organização da casa, maquiagem, moda, entre outros. Uma franquia da escola matriz mineira foi inaugurada em 2016, na cidade de São Paulo, pela apresentadora Silvia Abravanel. Esse é um exemplo de como ainda há reforço a certos paradigmas tradicionais e obsoletos, o que prejudica a desmitificação do papel da mulher. Segundo Conceição (2009), não se espera que haja uma superioridade da mulher na sociedade, mas sim o fim das identidades rígidas delegadas a ela.

De qualquer forma, é evidente certa insistência da mídia e dos considerados mais tradicionais em preservar normas do passado no tempo presente. Trata-se de valores ultrapassados, utilizados para manter sistemas e modelos de conduta ao ser feminino, atitude totalmente inadequada ao contexto atual.

Características discursivas de gênero no universo escolar

Na busca pelo aprofundamento sobre o tema proposto, foram pesquisados autores que apresentassem a identidade de gênero de forma clara e objetiva, permitindo a compreensão e a reflexão dessa temática em todos os âmbitos da sociedade. Para tanto, parte-se do contexto escolar,

que constitui um espaço integrante do seio familiar, em que são inculcados valores e normas para a aprendizagem humana.

Louro (2012) informa que os ambientes institucionais têm por objetivo garantir a manutenção das normas sociais, investindo rotineiramente em ações consideradas comuns perante o grupo escolar. Em contrapartida, deve-se desconfiar de tudo que seja considerado “normal” e “natural”:

[...] é natural que meninos e meninas se separem na escola, para trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que naturalmente a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão características de cada gênero? Sendo assim, teríamos que avaliar esses alunos e alunas através de critérios diferentes? Como professores e professoras de séries iniciais precisamos aceitar que meninos são naturalmente mais agitados e curiosos do que as meninas? E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos preocupar, pois isso é indicador de que esses(as) alunos(as) estão apresentando desvios de comportamento. (LOURO, 2012, p. 63-64).

O relato supracitado pode ser assemelhado à história do filme *Valente*, pois é da natureza do ser humano desconfiar de tudo que venha a sair do habitual. Merida recusou alguns comportamentos e características concernentes às meninas em geral, pois seus gostos ou condutas eram típicas do sexo masculino e, por esse motivo, foi vista com indiferença, pois estava sempre apresentando “desvios” de comportamentos (LOURO, 2008).

Para exemplificar com um caso da vida real, cita-se a tentativa do Ministério da Educação (MEC) de incluir a ideologia de gênero, juntamente à questão da orientação sexual, no Plano Nacional de Educação (PNE), o que causou a repulsa de alguns órgãos e membros da sociedade. De fato, é necessário que a escola esteja atentar para certas mudanças e debata questões de gênero e sexuais, visto que, muitas vezes, crianças sofrem violência sexual dentro dos seus lares, sendo cometida pelos próprios familiares.

Nesse sentido, é preciso implementar pequenas mudanças para que, aos poucos, se diminua a diferença binária entre masculino e feminino, que acaba designando o ser feminino a um plano inferior, servindo para reforçar desigualdades e abusos sexuais, muitas vezes originados no patriarcado ou numa “ordem patriarcal de gênero” (SAFFIOTI, 2004, p. 136).

É válido ressaltar que o ambiente escolar contribui para a formação intelectual e social dos indivíduos, sobretudo para o treinamento de modelos culturais, no qual meninos e meninas, desde a educação infantil, recebem, ao longo de sua aprendizagem, estímulos diferenciados. Sob esse viés, professores(as) utilizam, como metodologia pedagógica, livros didáticos, livros infantis e filmes para contextualização dos conteúdos, a fim de reforçar e inculcar certas verdades e inverdades. O livro de Moreno (1999), intitulado *Como se ensina a ser menina*, ilustra bem essa questão e, apesar de ser um estudo realizado na Espanha, se adequa perfeitamente à realidade brasileira. A autora apregoa que a escola desempenha a função segregadora de ações sexistas.

Diante desse contexto, é importante destacar o reconhecimento de um direito de todas as crianças e dever do Estado: a educação infantil na escola, que passa a ser obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos, com o advento da Emenda Constitucional nº 59/2009. A referida norma determina a obrigatoriedade da Educação Básica dos quatro aos 17 anos. Desse modo, com a inclusão da educação infantil na BNCC, mais um importante passo é dado nesse processo histórico de sua integração ao conjunto da Educação Básica (BRASIL, 2017).

Ao analisar os livros didáticos, Moreno (1999) percebe, através das gravuras e enunciados das atividades, que meninos são educados para desenvolverem de uma forma diferenciada, como, por exemplo, evoluir mais o cérebro, sendo que os brinquedos e brincadeiras destinados a eles denotam essa finalidade. Já em relação ao sexo feminino, percebe-se que as meninas recebem brinquedos que estimulam a cuidar da casa, casar e ter filhos (MENEZES; BRITO, 2013). Nota-se essa questão no filme, quando Merida ganha do pai um arco e flecha e sua mãe alerta que o objeto é característico de meninos, pedindo que a filha se dedique a atividades mais delicadas.

Nessa perspectiva, salientam-se as perpetuações de ações ditas como preconceituosas pelos próprios educadores no universo escolar. Há deficiência na formação de professores e faltam políticas públicas educacionais que apoiem e sustentem as dúvidas desses profissionais durante sua prática no processo de ensino e aprendizagem. Muitas vezes, de forma velada, professores(as) tendem a reprimir e a desconsiderar tudo que é associado ao sexo feminino (SANTOS, 2019).

Moreno (1999) corrobora essa tese ao afirmar que existe comprovação de que professores(as) têm atitudes de negação a tudo que remete

ao sexo feminino, valorizando somente o que é considerado masculino. Essas ações e atitudes corriqueiras foram intituladas “código secreto” pela autora, pelo fato de esconder e mascarar tudo que molda comportamentos de meninos e meninas no ambiente escolar.

Além de abordar os pontos negativos das instituições de ensino, Moreno (1999) apresenta algumas contribuições para possíveis mudanças. Um exemplo seria analisar, com alunos e comunidade escolar, em momentos coletivos, os papéis que a sociedade atribui a cada sexo, estudando os modelos que a mídia tenta propagar, histórias em quadrinhos, o vasto universo de filmes que abordam infinitas relações de gênero, entre outros. Outra questão levantada por ela é que a grande maioria de livros ou conteúdos voltados para formação de opinião das crianças são elaborados historicamente por homens. Tal fato exhibe a necessidade de as mulheres começarem a elaborar mais, demonstrando seu reconhecimento em suas próprias obras. Conceição (2009, p. 755) assevera que “a luta é constante contra discursos e práticas que nos fazem pensar que há alguma vantagem de ser pertencente ao sexo feminino ou masculino”.

Nesse sentido, defende-se a importância de filmes como *Valente*, que, apesar de não se aprofundar em questões de gênero, apresenta ao público infantil e adulto as diferenciações marcantes que foram designadas a meninos e meninas, sugerindo a possibilidade de novos percursos. Daí a necessidade de mostrar, nas mídias em geral, fatos concretos da realidade.

Adicionalmente, percebem-se, também, grandes avanços em releituras da literatura infantil. Neuls e Vidal (2006) analisaram contos de fadas clássicos, considerando como são representadas as noções de feminilidade e masculinidade. Clássicos são recontados de forma a mostrar outros tipos de situação, como princesas espertas e príncipes que desistem de se casar. Logo, as autoras reforçam que não há um modelo a ser seguido de como ser menino e menina. Nesse sentido, cada um pode seguir suas reais convicções de representações do que é ser feminino e masculino em seu meio social. Esses livros da atualidade podem ser utilizados pelos educadores(as) como forma de contestar a veracidade dos fatos apresentados em livros antigos e atuais.

Assim, tudo que constitui o masculino e o feminino vem sendo traçado historicamente pela sociedade, sendo que a maioria dos estereótipos impostos são apreendidos ainda na infância. No entanto, é preciso que certos discursos sejam modificados, como proposto no filme *Valente*.

Contos de fadas não precisam relatar princesas perfeitas e com condutas estritamente femininas, mas sim demonstrar a possibilidade de escolha, com a realização de atitudes semelhantes à vida real.

Articulações finais

No filme *Valente*, a jovem princesa não tinha a menor vocação para levar a vida traçada pelos pais e nem a desejava. Depreende-se, assim, que a obra traz grande avanço para o mundo infantil, mostrando que meninas podem agir diferentemente dos estereótipos designados a ela.

Nesse contexto, não se pode negar que o termo “gênero”, na atualidade, envolve muitas dúvidas e questionamentos, sendo confundido pela grande maioria com sexualidade, e não com identidade. Através dessa alocação, foi possível perceber que a escola tem sido vista como elemento essencial para a construção de uma sociedade mais democrática, justa e sem preconceito.

Como reflexão, evidencia-se que a escola é um espaço de preparação para liberdade de pensamento, pluralidade, aceitação e compreensão do outro, uma vez que os tempos atuais requerem novas formas de lidar com a diferença. As pequenas mudanças poderiam ocorrer, primeiramente, através de ações rotineiras, que passam despercebidas por educadores, famílias e sociedade, mas causam grandes efeitos na vida adulta, principalmente, do gênero feminino.

Diante dessa conjuntura, a personagem Merida se torna exemplo ao carregar um espírito livre, já que as moças de sua época e do seu reino não eram autorizadas a pensar e, muito menos, a agir dessa forma. Porque não começar com a desconstrução de que meninas podem gostar de futebol, de capoeira ou outro esporte considerado masculino? Também podem não casar e não querer ter filhos, escolher uma profissão de piloto da aeronáutica, delegada, mecânica, pedreira etc. O mesmo serve para o sexo masculino, que não precisa ser forte o tempo todo, pode sentir medo e emoções (como o rei do filme *Valente*), além de gostar de cozinhar, ajudar em casa, querer ser costureiro ou boleiro.

São pequenas ações que necessitam ser desconstruídas nas famílias, na mídia, no universo escolar e na sociedade em geral. Moreno (1999) e Santos (2019) ilustram bem essas questões quando observam as diferenças entre feminino e masculino nos livros didáticos e nas formas de tratamento adotadas pelos educadores. Daí a necessidade da formação continuada aos profissionais, com o intuito de ensinar a lidar com essas

divergências, instruir para intervir com exatidão e precaução. É importante destacar que essas mudanças devem partir, primeiramente, das famílias.

Desse modo, torna-se essencial observar os resquícios desses comportamentos na vida adulta. As mulheres ocupam o mesmo cargo dos homens com salários mais baixos, com jornadas duplicadas de trabalho, acrescentadas de tarefas domésticas e cuidados com os filhos, além de se submeterem, muitas vezes, à violência doméstica. O próprio corpo da mulher é visto como propriedade e objeto dos seus parceiros, olvidando muitas atitudes e qualidades.

A questão de gênero ainda constitui desafio apesar de adquirir novos significados a partir do reconhecimento de estudos de autores(as) citados(as) ao longo do texto. As lutas diárias não são para superioridade do sexo feminino na atualidade, mas sim para o reconhecimento da mulher como dona do seu próprio destino. Ser homem ou ser mulher não deve fazer diferença na sociedade.

Por fim, convém realçar que a realização deste estudo indicou a necessidade de ampliação de pesquisas sobre as percepções de gênero na sociedade, sobretudo no universo infantil, uma vez que é preciso desconstruir certos conceitos e refletir sobre os novos, extinguindo práticas de exclusão, não só de identidade de gênero, mas também de outras dimensões de desigualdade presentes na contemporaneidade.

Referências

ABRAMOWICZ, A.; CRUZ, A. C. J.; MORUZZI, A. B. Alguns apontamentos: a quem interessa a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil? **Debates em Educação**, Maceió, v. 8, n. 16, p. 46-65, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. Emenda constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 8, 12 nov. 2009.

BEAUVOIR, S. Infância. In: **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 9-65. v. 2.

BELELI, I. A. Corpo e identidade na propaganda. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 193-215, 2007.

COSTA, G. P. **O amor e seus labirintos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, DF: Editora UnB, 2001.

FRIEDAN, B. O problema sem nome. *In*: FRIEDAN, B. **A mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 17 - 31.

CONCEIÇÃO, A. C. L. da. Teorias Feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, São Paulo, v. 8, n, 24, p. 738-757, 2009.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, n. esp., p. 37-45, 2007.

LOBO, E. S. O trabalho como linguagem: o gênero do trabalho. *In*: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 7-16.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MENEZES, A.; BRITO, R. Diferenças de gênero na preferência de pares e brincadeiras de crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 193-201, 2013.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**. São Paulo: Moderna, 1999.

NEULS, J. S.; VIDAL, F. F. Contos de fadas modernos: ensinando modos de ser homem e mulher. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., 2006. **Anais [...]**. Florianópolis: EDUFSC, 2006.

PATEMAN, C. Confusões patriarcais. *In*: PATEMAN, C. **O contrato sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 1993. p. 38-65.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, A. C. S. **Representações sociais de relações de gênero de professoras/es da educação infantil.** 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

Recebido em fevereiro de 2020.

Aprovado em outubro de 2020.